



Revista de Administração de Empresas

ISSN: 0034-7590

ISSN: 2178-938X

Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de S.Paulo

Saraiva, Luiz Alex Silva
INCORPORANDO AH/SD À DIVERSIDADE ORGANIZACIONAL
Revista de Administração de Empresas, vol. 61, núm. 4, e2020-0851, 2021
Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de S.Paulo

DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-759020210408>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155169637007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

RESENHA

Versão original

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020210408>

INCORPORANDO AH/SD À DIVERSIDADE ORGANIZACIONAL

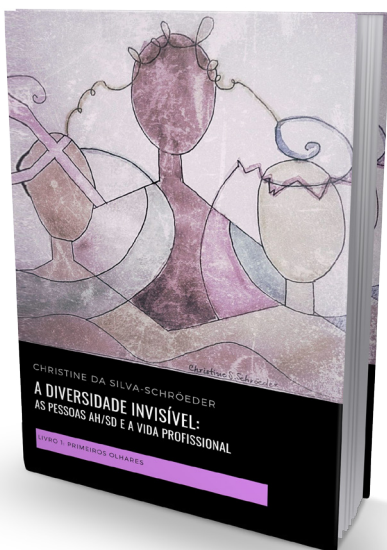
A diversidade invisível: As pessoas AH/SD e a vida profissional. Livro 1: Primeiros olhares

Christine da Silva Schröder. São Paulo, SP: Amazon Publishing, 2020. 120 p.

Pesquisar diferenças, que se referem ao infinito da existência humana, como bem disse Deleuze (2018), não exige os pesquisadores da temática de se surpreenderem com os próprios limites do seu olhar. Isso, sem dúvida, acontece com a leitura de “A diversidade invisível: As pessoas AH/SD e a vida profissional. Livro 1: Primeiros olhares”. Esta obra chama a atenção para o tema das altas habilidades e da superdotação (AH/SD), consideravelmente marginal na Administração, que se insere no amplo espectro abrangido pela neurodiversidade, portanto estendendo o alcance da diversidade organizacional, razão mais do que suficiente para que este livro seja muito bem-vindo.

A autora preenche uma lacuna considerável de conhecimento ao empreender um trabalho sistemático de mapeamento da literatura e de apresentação de conceitos, abordagens e informações sobre a população AH/SD. Ao longo de cinco capítulos, o livro volta-se para conceitos e contextualização do tema no Brasil, para a apresentação de estudos sobre AH/SD adulta no País nos últimos 20 anos, para os focos dos estudos de diversidade no País, para a necessidade de inclusão dessa perspectiva nesse espectro e para a gestão e valorização da diversidade AH/SD na vida profissional. A obra é encerrada com o depoimento de uma pessoa com essas características e algumas considerações finais.

O livro apresenta méritos evidentes, como o de focalizar uma temática que não pode ser desprezada pelos clichês erroneamente associados às altas habilidades e superdotação, entre os quais o de que tais pessoas seriam portadoras de “dons” inatos, raríssimos e infalíveis, e o de que é sempre “positivamente especial” ser identificado como AH/SD. O amplo desconhecimento do tema, bem como os lugares-comuns ligados a ele, faz com que as necessidades dessas pessoas sejam ignoradas pela sociedade, em geral, e pelas organizações, em particular, porque se acredita que elas não enfrentem dificuldades. Mas elas existem, e apresentam uma natureza e uma extensão que só os diretamente afetados podem perceber, descrever e sentir, a exemplo de haver sistematicamente expectativas elevadas em relação ao que quer que façam por conta de serem “especiais”, o que leva a frustrações e a tensões generalizadas em diversos aspectos profissionais. Por isso, esta obra, de Christine da Silva Schröder, professora da Escola de Administração da UFRGS, é muito relevante. Os mitos ligados a privilégios dos “superdotados” são demolidos um a um pela autora, que se ocupa de ser didática sobre o tema, oferecendo uma obra de grande potencial para o avanço na temática.



Por

LUIZ ALEX SILVA SARAIVA¹
saraiva@face.ufmg.br

0000-0001-5307-9750

¹Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Ciências Econômicas,
Belo Horizonte, MG, Brasil

Apresentar e discutir a questão, associado ao compromisso pessoal da autora, contudo, termina por revelar tensões na obra. De um lado, o texto adota um tom sóbrio, pretensamente neutro e objetivo, tal como preconiza uma visão estreita do que seria um conhecimento cientificamente aceitável. Todavia, essa perspectiva não abriga as nuances do sofrimento, da exclusão e da solidão das pessoas AH/SD, e elas felizmente “escapam” em vários trechos passionais que aparecem pontualmente no livro. Apesar de compreendermos a intenção didática da autora, é muito positivo que haja um olhar mais humanizado e que o próprio conteúdo do livro gradativamente abrace esse sentido da metade para o fim. Quando vemos os conceitos corporificados em existências humanas, deparamo-nos com nossas próprias dificuldades de perceber as diferenças que nos cercam, e essa é uma sensibilização necessária para transcender a mera exposição conceitual e, além de entender, poder mudar nossas posições a respeito.

Outra tensão do livro refere-se ao foco predominantemente gerencial da abordagem. Embora a autora situe a discussão à luz da Gestão de Pessoas e, portanto, de referenciais compatíveis com a gestão da diversidade – o que explica os momentos em que são feitas recomendações para as organizações – pensamos que o livro é mais potente em outro sentido: o de registrar as altas habilidades e a superdotação no campo das diferenças, portanto além do pragmaticamente conversível em algo administrável (Souza, 2014). É justamente no infinito das existências humanas que as diferenças se inserem como características que não são melhores ou piores que outras. E é assim que se evita cair na “competição de diferenças”, na qual

cada grupo social oprimido defende o quanto a sua condição é preterida em relação às dos demais. Ao fim e ao cabo, além de pouco produtivo, isso parece eximir a normalidade de ser frontalmente questionada como projeto político-ideológico a ser abandonado em prol de uma sociedade mais equânime e que trate todos igualmente na medida de suas diferenças (Azevedo, 2013).

Essas tensões, contudo, estão longe de diminuir a obra, muito pelo contrário: revelam os desafios de produzir um conhecimento de maneira inovadora e sensível a perspectivas pouco comuns. A autora merece ser felicitada pela iniciativa dos pontos de vista intelectual e político. Ao escolher dedicar-se à temática para pôr em pratos limpos inclusive a própria história, ela presta um enorme serviço ao campo das diferenças, por mostrar que mesmo os estereótipos positivos continuam sendo estereótipos, o que contribui para que as pessoas sejam percebidas e respeitadas não pelo que são, mas pelo que deveriam ser, de acordo com um tolo ideal de normalidade que nos oprime a todos.

REFERÊNCIAS

- Azevedo, M. L. N. (2013). *Igualdade e equidade: Qual é a medida da justiça social?* Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, 18(1), 129-150. doi: 10.1590/S1414-40772013000100008.
- Deleuze, M. (2018). *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Souza, E. M. (2014). *Poder, diferença e subjetividade: A problematização do normal*. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, 1(1), 113-160. doi: 10.25113/farol.v1i1.2556

CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR

Luiz Alex Silva Saraiva trabalhou em todas as etapas de elaboração do texto, da concepção à revisão final do manuscrito.